Nota Editorial

Desde a sua primeira edição, realizada em 2019 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o evento *Mulheres no Discurso* (*Women in Discourse*) adquiriu uma regularidade anual e consolidou-se como um espaço de encontro interdisciplinar dedicado ao estudo da construção da imagem, da voz e da presença das mulheres no discurso. A iniciativa surgiu no âmbito do programa da Reitoria da Universidade do Porto *E contudo elas movem-se*, criado para dar visibilidade ao contributo das mulheres para o desenvolvimento da Ciência, em contextos frequentemente marcados por obstáculos e desigualdades. Ao longo das suas várias edições, o *Mulheres no Discurso* tem reunido investigadoras e investigadores de diferentes áreas das Ciências Sociais e Humanas, nomeadamente da Linguística, Literatura, História, Ciências da Comunicação, Estudos Culturais e Artísticos, Direito e Arquitetura, em torno de uma preocupação comum: compreender de que modo os discursos constroem representações das mulheres, reproduzindo ou questionando imaginários dominantes. A diversidade de perspetivas teóricas e metodológicas que caracteriza o evento articula-se em torno de dois eixos complementares: a análise de discursos de mulheres e a análise de discursos sobre mulheres. É desta convergência que resulta o projeto editorial *Mulheres no Discurso*, cuja continuidade se concretiza neste segundo volume, reunindo quatro estudos que abordam, a partir de diferentes perspetivas, os processos de representação das mulheres e as condições que favorecem ou limitam o reconhecimento da sua voz e da sua intervenção na sociedade.

Ambra Pinello, no estudo intitulado "Sujeto femenino y mercantilización del yo en la cultura digital: La escritura de Barbijaputa como espacio de indisciplina y resistencia", analisa a produção literária e mediática da autora espanhola Barbijaputa, interrogando as relações entre feminismo, cultura digital e neoliberalismo. A partir de uma abordagem que articula os estudos literários, culturais e de género, a autora examina os mecanismos através dos quais os discursos de emancipação feminina são reconvertidos em narrativas de empoderamento individual. A análise evidencia o modo como a escrita crítica de Barbijaputa questiona esta apropriação, denunciando a persistência de desigualdades estruturais, nomeadamente na distribuição do trabalho doméstico e do tempo, e defendendo a dimensão coletiva da ação feminista.

Em "A representação das mulheres em discursos presidenciais portugueses e brasileiros", Glória Reis de Oliveira e Alexandra Guedes Pinto investigam a construção discursiva da identidade feminina no discurso político institucional. A partir de um corpus constituído por discursos presidenciais portugueses e brasileiros, as autoras analisam a

https://doi.org/10.21747/978-989-9370-06-7/mul2not

frequência e os contextos de ocorrência dos lexemas *mulher* e *homem*, procurando identificar regularidades semântico-pragmáticas na representação dos dois grupos. Os resultados revelam uma distribuição marcadamente desigual dos dois lexemas, tanto em termos quantitativos como qualitativos, bem como uma associação recorrente da mulher a domínios tradicionalmente ligados à família e à esfera doméstica, a situações de desigualdade e exclusão e a formulações de apelo à mudança. O estudo evidencia, assim, a persistência de representações assimétricas de género no discurso político institucional, mesmo em intervenções que assumem explicitamente a promoção da igualdade entre mulheres e homens como um dos seus objetivos.

Joel Tiago Madeira Moreira, no ensaio "Pode a Timorense tomar a palavra? Um ensaio spivakiano sobre as (im)possibilidades da representação da mulher timorense", examina os processos históricos e discursivos que condicionam a representação e a possibilidade de afirmação da voz das mulheres timorenses. Mobilizando o pensamento de Gayatri Spivak, em particular a distinção entre representação como encenação (*Darstellung*) e representação como delegação (*Vertretung*), o autor analisa discursos coloniais e nacionalistas que construíram a mulher timorense como objeto de representação, frequentemente privado de capacidade de intervenção na definição da sua própria identidade. A análise de fontes historiográficas e de acontecimentos associados à Guerra do Barlake permite demonstrar como diferentes discursos, apesar de orientações políticas distintas, convergem na atribuição a outros da autoridade para falar em nome das mulheres timorenses, comprometendo a sua afirmação como sujeitos de conhecimento e de ação política.

Por sua vez, Rafaela Queiroz de Sousa, no trabalho "Injustiça epistémica na saúde do sexo feminino: o impacto de um desmerecimento histórico", analisa a persistência de preconceitos de género no conhecimento e na prática médica. Com base numa revisão bibliográfica que articula contributos da história da medicina com os conceitos de injustiça epistémica testemunhal e hermenêutica, desenvolvidos por Miranda Fricker, a autora estabelece uma relação entre a histórica patologização do comportamento feminino, associada ao diagnóstico de histeria, e a atual tendência para desvalorizar ou atribuir a causas psicológicas determinados sintomas relatados pelas mulheres. O estudo destaca ainda as consequências da sub-representação do sexo feminino na investigação médica, particularmente no diagnóstico de doenças cardiovasculares e do autismo, defendendo a necessidade de rever práticas de investigação e de diagnóstico que continuam a tomar o corpo masculino como referência.

Os quatro estudos reunidos neste segundo volume de *Mulheres no Discurso* abordam contextos distintos - a cultura digital, o discurso político institucional, a história e discursos

https://doi.org/10.21747/978-989-9370-06-7/mul2not

coloniais e a prática médica -, mas convergem na análise dos mecanismos que condicionam a representação das mulheres e o reconhecimento da sua capacidade de intervenção. Se os trabalhos de Ambra Pinello e Joel Tiago Madeira Moreira refletem sobre condições em que a voz feminina é substituída por discursos produzidos em seu nome, os estudos de Glória Reis de Oliveira, Alexandra Guedes Pinto e Rafaela Queiroz de Sousa evidenciam a persistência de representações de género em contextos institucionais. No seu conjunto, os contributos sublinham a importância de uma análise crítica das práticas discursivas através das quais se constroem e reproduzem determinadas conceções sobre a identidade e o lugar das mulheres na sociedade.

Alexandra Guedes Pinto

NOTA EDITORIAL
https://doi.org/10.21747/978-989-9370-06-7/mul2not